

Tobias Barretto

O orador

A oratoria foi incontestavelmente uma das mais bellas facetas do espirito de Tobias Barretto, si bem que elle não tivesse querido ser um tribuno de profissão.

Ou porque lhe parecesse a loquacidade incompativel com a madureza do sabio; ou porque o ruido estrepitoso dos triumphos oratorios não se conformasse com os habitos adquiridos no gabinete; ou porque o theatro provinciano fosse estreito; o certo é que elle, ao menos no periodo em que o conheci, o ultimo decennio de sua vida, não foi um assiduo frequentador da tribuna, nem sentia os extases da commoção ante os applausos.

Entretanto, no convivio dos meus discipulos, jovens que encontraram na Academia a tradição do grande Mestre, quando elles me fazem referencias ás suas bellezas oratorias, lembro-me, com

outros sentimentos, é certo, das palavras de Eschines—diante dos mancebos entusiasmados com a leitura da *Oração da Corôa* Tobias Barretto dava nos seus discursos uma vida tão intensa aos gestos, á physionomia, ás modulações da voz e aos gyros dos olhos nas orbitas que os moços de hoje não podem ajuizar.

A mobilidade extrema da physionomia falava; as chispas, que se lhes desprendiam dos olhos, tinham a expressão de um discurso.

Eu tive a fortuna de ouvir, no meu tirocinio academico, dois oradores, que, apresentando alguns pontos de afinidade, estavam a esse respeito em pólos oppostos: Tobias Barretto e Joaquim Nabuco.

Realmente, a attitude arrebatada do primeiro fazia contraste com a friesa britanica do segundo.

Joaquim Nabuco, possuindo a *altiva gravidade e a magestosa compostura* que ao grande Péricles valeram o titulo de *Olympico*, falava serenamente com a maior sobriedade nos gestos e nas contracções dos musculos do rosto.

Com a mão esquerda quasi sempre no bolso da calça, ou segura aos anneis da corrente do relógio, restava-lhe a direita de que elle se servia raras vezes, espalmando-a, com o braço em posição horizontal, e, num leve tremor dos dedos, movendo-a com lentidão e ascencionalmente, á medida que, em certos trechos, o entusiasmo o dominava.

Tobias, ao contrario, era excessivo nos gestos. O seu arrebatamento e os tregeitos da physionomia o tornariam comico, se o calor da palavra e as vibrações sinceras da eloquencia, não trouxessem aos ouvintes, na phrase de Clovis Bevilacqua, «alguma cousa como a extranheza de

misturá com a admiração». Elle não apresentava na physionomia a correcção de linhas do outro, nem o cuidadoso aprumo da elegancia, e, se a palavra de Nabuco parecia descer cantando dos cimos de sua intelligencia, illuminada pelo iris da abolição, a de Tobias se nos afigurava sahir, bruscamente e aos jactos, do subsolo das suas resistencias hereditarias.

A polidez de Nabuco tornou-se conhecida no Parlamento, e até mesmo nas assembléas populares.

Respondendo aos adversarios elle não poria em jogo nem a descompostura nem o sarcasmo que estracinha e que maltrata. Quando o Sr. Andrade Figueira disse que elle se tinha transportado para o estrangeiro á custa do governo, do qual recebia uma subvenção mensal, o ardente apostolo do abolicionismo respondeu-lhe que procurasse saber ao certo do paradeiro d'aquelle auxilio, pois, no caso da sua existencia, faria presente delle ao Dr. Lacerda, *descobridor do remedio contra o veneno ophidico*.

Nos dias da campanha abolicionista, o jornal dos conservadores no Recife entendeu de inserir umas cousas injuriosas á memoria de seu pae.

Por mais justa que fosse, contra a vesania dos que nem aos tumulos respeitaram a colera do filho, este se limitou a responder na tribuna:—«Se o Sr. Portella subisse aos hombros do Sr. Theodoro Machado, ainda assim não chegaria a altura da memoria do Senador Nabuco.»

As respostas de Tobias eram acrimoniosas.

Delle os adversarios podiam dizer o que de Phocion dizia Demosthenes, quando tinha

de lhe ouvir as replicas: — *Eis, senhores, a acha dos meus discursos que se levanta.*

Tambem seria licito repetir a seu respeito o que certo escriptor moderno disse do auctor da *Oração da Corôa*:—*Sua ironia é um punhal que elle volve e revolve no peito do adversario.*

Não era só a ironia, porem. Era o ataque directo, cahindo sobre o adversario de maneira decisiva, e dando-lhe depois bordoadas, conforme se diz na gyria, *com as duas mãos.*

Da tribuna forense acode-me um exemplo. Em certo processo ruidoso em que elle teria de intervir como patrono da parte queixosa, o advogado do réu apresentou a preliminar seguinte:—*Se a parte queixosa podia ter na causa um representante.*

Depois de estabelecer os principios reguladores da materia com o calor que elle sabia dar ás suas palavras, Tobias, respondendo a um conceito de um dos preopinantes, que era então um afamado mestre de Direito, disse: «Conheço muito as forças do meu interlocutor. Elle é como certos tocadores de violão que, apenas conhecendo um tom de acompanhamento, transportam todas as modinhas e arias para o mesmo tom.

«Tive a infelicidade de perder o anno academico em que S. S. rege uma das cadeiras e, no anno seguinte, não só experimentei a sensaboria de ouvir os mesmos argumentos revestidos das mesmas imagens, como até as mesmas pilherias».

E, mais adiante, succedendo que o seu contendor citasse em sua defeza um artigo d'*O Direito*, redarguiu:

« Não me falle n' *O Direito*, quando me refiro a cousas serias.—O seu verdadeiro nome é *O Torto*.

« Sei de alguns casos identicos, como por exemplo, um boi moroso que é conhecido por *Beija-flôr*, e um cavallo lerdo designado com o appellido de *Corta-Vento*. Quero dizer com isto que o *Direito* é uma antithese, ou apenas um meio de vida simples e alegre, de alguns bachareis vadios da Côrte. »

Exgotados os recursos juridicos e as fontes instructivas da meia duzia de advogados que na causa, pleitearam contra elle e em favor do réu, resolveram conseguir, por dinheiro de contado, que a parte queixosa retirasse das mãos, de Tobias os poderes constituídos, no momento mesmo em que elle discutia no jury a questão preliminar.

O juiz, então, annunciou com emphase a resolução da queixosa no sentido de abandonar o pleito. Manietado, baldo de meios na lei, Tobias se retira, não sem fazer as suas despedidas ao tribunal, concluindo, por um trecho de Baumarchais, proprio para a circumstancia, em que eram essas as ultimas palavras:—*et la canaille-derrière*.

Um dos advogados, não querendo perder a occasião de angariar as sympathias do auditorio, gritou do seu lugar:—*Povo, tomai nota! O vosso idolo acaba de insultar-vos naquelles versos em francez*. Ia retirando-se do salão o grande Sergipano, quando, ouvindo a intriga, se voltou para dizer do meio do auditorio:—« Meu Deus! que pobreza de espirito!... Baumarchais passando por ter feito versos!... E quem o diz é uma das notabilidades intellectuaes desse D. Per-

nambuco Cavalcanti d'Albuquerque, onde os barões são pobres e os negros conservadores».

E' possível, porém, que esse tom aspero das represalias fosse em parte devido ao meio hostil da aldeia num tribunal sitiado pelos politicos poderosos e analphabetos.

Certo é que, ao tempo em que eu o conheci, em outro campo de acção, elle estava um tanto modificado.

E bem se pode vêr o seu proposito a esse respeito relendo as primeiras palavras do seu discurso na Assembléa Provincial em opposição ao presidente A. de Barros: «Tomando a palavra para prestar o meu concurso, ainda que fraco, ás justas queixas do nobre deputado, autor do requerimento, sinto-me, ainda uma vez obrigado a chamar em meu auxilio *a musa da civilidade*: sinto-me obrigado a invocar um principio superior que domina sobre todos nós:—o do reciproco respeito.

« E não é porque me arreceie de vêr em publico desvendados os meus defeitos, ou magoadas as minhas feridas; mas sómente porque eu, que já vou entrando na idade canonica da gelada prudencia e do prosaico *bom senso*, que faz trindade santa com o *bom tom* e o *bom gosto*, começo a provar um asco irresistivel contra as represalias, as quaes, no caso, talvez me forçassem a ir tambem magoar as feridas alheias, procedimento esse, que além do mais, é improprio de espiritos cultos e incapaz de produzir outra cousa que não um documento de estabilidade, um tristissimo testemunho de pobreza».

E o scenario em que esse discurso foi pro-

ferido, ainda o estou vendo reaparecer movimentado nas recordações dos meus 15 annos.

Dera-se a demissão inesperada e insolita de dois funcionarios liberaes da «Provincia»—o Delegado do Recife Dr. Odilon e o Administrador da Casa de Detenção Major Camara Lima.—O caso levantou nas ruas protesto de indignação.

Apresentado um pedido de informações na Assembléa, pelo deputado Francisco Beltrão e outros, as galerias transbordaram de ouvintes, que explodiram em gritos e ameaças, quando o Sr. Malaquias Gonçalves se apresentou em defesa do governo.

A sessão diversas vezes foi suspensa, em quanto os populares descendo das galerias para o recinto gritavam em desespero:—*Fóra o deputado da policia.*

Foi nessas condições que o feçuído serpipano teve de subir a tribuna interrompido constantemente por estrondosos applausos.

Um espirito fatuo, um vaidoso commum, sentiria os vapores do embevecimento toldarem-lhe a razão.

Pois asseguro que naquelle dia elle não se aproveitou um só instante das vantagens que a popularidade lhe trouxera sobre os seus adversarios.

Em diversos pontos interrompeu o fio do seu discurso á fim de pedir as galerias que lhe não dessem provas de apreço.

Uma vez sentou-se, disposto á não continuar e, quando, solicitado pelos collegas, proseguio nos seus argumentos, disse :

« De novo peço ás galerias que não me dêem apartes. Assim me compromettem. Devem,

saber muito bem os meus caros amigos que com isso se pôde especular dizendo-se que eu me reservo para vir aqui sómente receber as vossas manifestações!»

Essas palavras mereceram do Sr. Visconde de Tabatinga o mais velho representante da oligarchia que se estava formando e depois dominou á ferro e fogo na provincia, o seguinte aparte: «Isso é que é muito nobre; assim deviam proceder todos».

Durante o seu discurso teve a maior sobriedade nos gestos, limitando-se á prender muitas vezes, com a mão direita, o paletot aos botões e depois lentamente desprendel-o.

Não deixou, porém, de cumprir o seu dever, terminando com as seguintes palavras:—«Disse uma vez Agostinho Thierry na ultima quadra da sua existencia: «Eu luctei, estudei, caminhei e cheguei emfim, por causa da sciencia á este ponto em que me vejo—cégo, completamente cégo. Pois bem: se me fosse dado começar a minha jornada eu seguiria exactamente o mesmo trilho, percorreria exactamente o mesmo caminho».

« Ora, pois, Sr. Presidente, quero aqui servir-me-me das palavras do mestre; eu cheguei a este ponto; mas se me fosse concedido refazer a minha viagem, seguiria de novo o mesmo trilho, dormiria a sombra das mesmas arvores, colheria na estrada as mesmas flôres, em uma palavra andaria exactamente pelo mesmo caminho, sò havia uma differença:—é que eu não acreditava mais no liberalismo official de Pernambuco. »

• O liberalismo emproado do presidente Adolpho Barros sahiu daquelle discurso re-

duzido a expressão mais simples, como succederia a um collarinho engommado posto em posição vertical sob uma prensa.

Naquelle momento foi-lhe arrancada á golpes de ironia a roupa *de cerimonia* com que elle se dissera representante do partido liberal, ficando exposto em seus *trajos menores* de conservador mascarado.

Entre outras cousas disse :—

« Sim, Sr. Presidente, essas demissões vieram provar o que, ha muito se dizia, vieram tornar patentes que não temos um administrador liberal.

« E o peor é que, em quanto os liberaes estão convencidos de achar-se na presidencia da provincia um conservador, os conservadores ainda crêem que têm pela frente um liberal.

« Lembro-me ter conhecido em minha terra um caçador fanatico, um desses homens que timbram, que fazem consistir sua gloria em serem grandes escopeteiros.

« O bom do meu velho conhecido armava-se, preparava-se para a caçada e nesse intuito corria campos e florestas, onde via muita corça bonita, muito veado nedio e robusto, mas faltava-lhe a coragem de atirar contra os animaes bravios, e assim voltava sem ter ousado dar um só tiro; porem na ancia de mostrar a todo custo o seu *escopeteirismo*, ao chegar em casa fazia fogo nas aves domesticas do proprio terreiro.

« E' a figura do Sr. Dr. Adolpho Barros :—passeia nas florestas conservadoras, vê e contempla muita caça de importancia, muito veado agil e formoso, mas não tem animo de atirar, e vem, então, descarregar sua arma, vem

mostrar que tem mão certa contra os proprios liberaes.

« O que ha ainda de mais singular é que elle, segundo parece, tem querido governar somente ao aceno da opposição conservadora, ao som do *apito do Tempo*.

« E lastimavel tem sido a figura de S. Exc. desse modo adstricto á vontade dos adversarios:—assemelha-se á um desses moços de navio que obedecem cegamente as ordens do capitão e isto debaixo de um chuveiro de descomposturas.

« E' assim que o *Tempo* diz:—

« Presidente inepto, demitte esta, demitte aquella auctoridade! »

« E S. Exc. cumpre a ordem. »

« Presidente inepto, faz mais isto, faz mais aquillo. E promptamente a cousa se faz. »

S. Ex. vae assim em tudo curvando-se ao mando do *Tempo*, attendendo em tudo as suas reclamações, acompanhadas de insultos e improperios. »

*
**

No principio deste capitulo eu disse que, entre Joaquim Nabuco e Tobias, era possivel encontrar pontos de afinidade, embora as differenças radicaes de temperamento e de habitos.

Reitero a minha asserção accrescentando: por mais fundos que fossem os signaes caracteristicos de cada um, tinham, em todo caso, alguns pontos de contacto.

Nenhum dos dois, apesar de militantes em

politica, se entregou á discricção dos partidos, nem á conveniencias exdruulas de seitas.

Por isso, succedeu que elles nos seus discursos dirigissem a opinião, sem que fossem dominados por ella.

Outro ponto de afinidade foi que, nenhum dos dois correu os riscos da improvisação, por habito.

Cada um delles fazia o seu preparo, ou, pelo menos, o esboço dos seus discursos, *in mente*, antes da hora psychologica,

As grandes conferencias de Nabuco, as que se fizeram celebres na campanha abolicionista, foram o resultado feliz do estudo previo.

Tobias costumava dizer, quando o convidavam para as festas de anniversarios e congeneres :—*Sim, abolidos os brindes.*

E não era somente pelo horror que lhe causava o terreno da *brindologia*, como elle chamava ; era principalmente o receio da improvisação.

O discurso, proferido no character de paranymphe na cerimonia do doutoramento, foi correntio e vibrante, e, não tendo sido estenographado, elle o publicou depois na sua integra.

Isso que, na opinião dos espiritos futeis, é um defeito, constitue um padrão na vida intellectual dos grandes oradores.

As *Olynthias* de Demosthenes e as Orações de Cicero não teriam chegado até nós, se fossem o resultado esteril da improvisação.

Depois mesmo de ter conquistado o renome de orador, Demosthenes não se apresentava na tribuna sem o estudo previo, e mais de uma

vez, chamado nominalmente pelo povo no *Agora*, insistiu no seu proposito.

Foi por isso que se procurou crear-lhe a reputação de tardio e lento nos seus assertos, dizendo-se, em tom de zombaria, que os seus discursos *cheiravam á lampada*, o que o levou um dia á responder com acrimonia a Pytheas:

—« Talvez tenhas razão; mas recorda-te que a minha e a tua *lampada* nos servem para cousas muito differentes. »

No emtanto, Demosthenes improvisava quando era indispensavel, e disse dão testemunho poetas do seu tempo affirmando até que, nos seus improvisos, elle se deixava *levar por um divino furor*.

O maior vulto da actualidade na tribuna portugueza, Antonio Candido, confessa no prologo dos seus discursos fazer de antemão o seu preparo mental toda vez que tem de subir a tribuna.

José Estevam, o maior dos oradores portuguezes em todo seculo passado, fazia com antecedencia um rapido esboço dos seus grandes surtos, embora o transbordamento do enthusiasmo o arrastasse muitas vezes alem do plano, dando mais do que elle mesmo poderia ter desejado.

O seguinte episodio narrado nas *Farpas* é illustrativo.

Um dia tendo sabido ao almoço que a sua mulher e a Viscondessa de... tinham o projecto de o ouvir fallar na Camara, disse-lhes:

—« Pois vão que o tempo não ha de ser perdido.

Chamo principalmente a sua attenção para

algumas palavras que tenciono dizer a cerca de Cincinato.

Não hão de desgostar! »

O discurso foi um assombroso trecho de eloquencia, com o vigor da arte e a sonoridade triumphal que a voz do orador e a sua figura imprimiam.

Ao terminar, porem, rodeado de aclamações e abraços, vendo sua mulher encostada ao parapeito da tribuna em frente, deslinda-se dos cumprimentos, e brada-lhe sem cerimonia:

—« Ai, Rita! que me esqueci da historia do Cincinato. »

Tobias tambem improvisava com vantagem, sempre que isso se fazia indispensavel, bem como Joaquim Nabuco, em iguaes condições; mas a responsabilidade e a madureza do espirito não permittiam aos dois que elles corressem, habitualmente, nos seus discursos, por desaso ou preguiça, os riscos das aventuras.

E assim devia ser.

Um homem que aceita a difficil tarefa de ensinar as novas doutrinas ou as reformas de leis e costumes, não se deve embevecer com os fogos fatuos da eloquencia, com o *rataplan* das caixas de guerra ou o colorido simples e fugaz da phrase; precisa addicionar-lhe o condimento da reflexão que é obra do tempo e do estudo.

Nenhum dos dois, porém, seria capaz de impingir por um improviso o discurso meditado, ao contrario de Luiz Blanc, por exemplo, que tendo sido tambem um grande orador, procurava convencer os que o ouviam da despreocupação de preparo nos seus surtos de eloquencia. A anecdota seguinte, que eu tomo

emprestada a uma revista parisiense, mostra melhor do que eu o poderia fazer, esse traço de psychologia.

Foi por occasião do enterro do poeta Adolpho Pelepont.

No momento em que elle ia começar a fazer a allocução, um jornalista se lhe aproxima e diz:—«Senhor Luiz Blanc, eu desejaría ter o texto do vosso discurso».

—Diabo! replica o famoso orador com embaraço; se eu nem mesmo sei o que vou dizer!...»

Entretanto elle fallou.

Terminada a oração o jornalista volta de novo e insiste:

—Vosso discurso?

—Eil-o, responde Luiz Blanc. E do bolso do palitot tira um rolo de papel, onde estava litteralmente escripto o que elle fizera passar por um improviso.

*
**

Os discursos de Tobias apresentavam um conjuncto de condições que os tornavam deliciosos aos ouvintes.

Elles encerravam sempre uma lição proveitosa, mas em vez de ser ministrada essa lição no tom somnolento e grave dos pedagogos, era disposta n'um tecido leve, de gase transparente, onde a sciencia, a litteratura, as aneddotas e a ironia mais ou menos venenosa, davam as mãos numa cordialidade encantadora. E se addiccionarmos a isso a vivacidade da sua physionomia, a exuberancia de imagens, a pro-

priedade incomparavel dos termos, o chiste e o a proposito de certas comparações, estará explicado o effeito maravilhoso dos seus triumphos oratorios n'um tempo em que as palavras, em gyro nos discursos, tinham todo sainete dos lugares communs.

Eu não precisaria de um exemplo melhor do que o desse famoso specimen de eloquencia, erudição e *verve* que elle nos deu como paronympho na collação de gráo dos Drs. Hermenegildo e José Maria Metello.

O salão de honra da Faculdade estava repleto dos melhores representantes da sciencia do Direito e das letras em geral, que o Recife possuia por aquelle tempo.

Toda primeira parte do seu discurso, condimentado e vivaz, é um lance de ironia deliciosa, em que a exigencia legal da saudação e o modo commum de interpretal-a soffrem beliscões dilacerantes.

Por muito que seja hoje conhecido esse precioso trabalho, não me quero furtar ao desejo de transcrevel-o nos seus melhores trechos. Assim elle começa: «O discurso que nesta occasião me incumbe proferir, tem traçada nos *Estatutos* a formula do seu preparo.

«E' um discurso congratulatorio, uma cousa muito simples, até onde pode chegar a simplicidade de uma combinação binaria de estereotypos prolfas pelo resultado feliz dos vossos esforços e de velhas considerações, já difficeis de classificarem n'uma ordem de ideias serias, sobre a importancia do gráo, que acabaes de receber, e o uso que na sociedade deveis fazer das vossas letras.

« Como vedes, é uma questão de ritual, e eu tenho obrigação de cingir-me a elle.

« Não seria, pois, de estranhar que me limitasse á dizer :

« Eu vos felicito, senhores doutores ; a importancia do gráu que vos foi conferido, medi-a pela magnitude dos esforços que elle vos custou, e o uso que tendes a fazer das vossas lettras determina-e-o vós mesmos, segundo os impetos do vosso talento e as inspira-ções do vosso character.

« Não seria de estranhar que a isto me limitasse, e dêsse então por findo o meu discurso. Nem haveria razão para se me accusar de esterilmente conciso, por excesso de respeito a uma disposição de lei.

« Mas, senhores doutores, eu creio que na propria mente do legislador nunca repousou semelhante ideia, a ideia singular de serem todos aquelles, que se acham encarregados da honrosa missão que hoje me cabe, sempre condemnados a entoar o mesino hymno, a recitar o mesmo epithalamio, por esta especie de *noivado scientifico*, como dizia um romantico de antiga data, em uma palavra, condemnados a repetir em *estylo de brinde* as mesmas phrases consagradas, para accentuar a importancia de um facto, que ninguem contesta, e o verdadeiro uso de um titulo, que todo mundo sabe qual seja.

« Não senhores doutores, não foi e nem podia ser este o intuito do legislador. Eu o creio firmemente.

« E de accordo com esta crença, arrastado pelo espirito da época, em nome das novas ideias, que voam de outros mundos, e bom

grado ou mau grado nosso, hão de encontrar agasalho em nossas cabeças, julgo tambem aqui dever exercer uma funcção superior ao modesto papel ecclesiastico de um *Mestre de ceremonias*.

« A occasião é solemne, sim ; mas justamente por isso ella abre caminho a alguma cousa de menos vulgar do que uma felicitação, a alguma cousa de mais elevado mesmo do que o gráu que recebestes ; é a defesa da sciencia que professamos, e em que acabaes de ser doutorados, a defesa que lhe devemos, em relação ao juizo desfavoravel que d'ella actualmente se forma, em relação aos ataques, de que ella é alvo, sem excluir todavia a confissão dos seus defeitos e a critica dos seus desvios,

« Na presente conjunctura, bem quer me parecer que nenhum assumpto melhor se prestaria a formar o conteúdo da minha allocução, nem eu poderia achar um modo mais apropriado de congratular-me com vosco.

« Se porém estou enganado, anticipo-me em pedir desculpa do que possa o meu discurso conter, não por certo de anomalo e inconveniente, mas por ventura excentrico e inadequado ás circumstancias do momento.

« Entretanto, permitti-me uma ligeira observação.

« Ainda hoje senhores doutores, nas bibliothecas de velhos claustros, encontram-se palimpsestos, onde se vê, por cima, desenhada a historia de um thaumaturgo, a historia de um santo miraculoso, que morreu de penitencia e maceração, ao passo que, por baixo, sorriem serenos os bellos versos da *Ars amandi* de Ovidio ; onde apparece na parte superior um breviario,

cheio de melancholia, repleto de adoração, e, na parte inferior, uma comedia aristophanica: em cima, depara-se-nos o orgão, que acompanha o *de profundis*, e logo em baixo o bello Anacreonte, seduzindo lindas moças; em cima, traçam-se as regras da grande arte de torturar hereges, e em baixo um velho pagão explica o capitulo do amor platonico.

« Ora pois, senhores doutores: — seria acaso para censurar que minhas palavras produzissem uma impressão semelhante?

« E' um discurso de *duas vistas*, se assim posso dizer, um palimpsesto se quizerem: por um lado o cumprimento exacto de um sacro programma de festa, mas tambem, por outro lado, alguma cousa de mais profano, que fica fóra do horisonte de uma solemnidade academica; por um lado, a face calma de um espirito profano, que, por amor da ordem, por amor da disciplina, não duvidaria curvar-se para reconhecer e confessar de joelhos a immobilidade da terra, ou o progresso dos nossos estudos; mas tambem, por outro lado a feição turbulenta de um rebelde intransigente, que não hesita em proferir o seu *e pur se muove* — e dizer ao mundo inteiro: nós estamos atrasados».

Esse tom faceto, consorciando-se com a independencia do pensador, numa solemnidade austera em que não parecia ter lugar senão o *amen* das cousas consagradas pelo uso, é encantador, não é?

Pois bem, foi nesse tom que elle continuou fazendo as mais rigorosas affirmações a respeito da sciencia do Direito, que se não achava no caso de se conformar com as exigencias de um verdadeiro systema scientifico por ser, na phrase

de H. Post, uma irmã da theologia, limitando-se a folhear o *corpus juris* como esta folheia a biblia.

Em seguida, referindo-se á tendencia do espirito scientifico em despir os phenomenos da natureza da roupagem poetica, em que a imaginação costuma envolvel-os; ou por outra, referindo-se a *despoetisação* dos phenomenos naturaes por meio da sciencia, continúa em tom agradabilissimo affirmando que o homem de hoje não se demora nem mesmo a contemplar a belleza da lua, diante da qual, com seus fulgores e seus desmaios, se sente tentado a dizer: *deixa-te de coquetices, eu te conheço carcassa*; ou então aos requebros e langores da estrella matutina, é bem capaz de redarguir sizúdo:— *nem tanto, como pareces, pois que ficas preta, pequenina e insignificante passando pelo disco do sol.*

E depois de lamentar que a despeito de todas as conquistas da observação continue a entorpecer-nos e a esterilisar-nos a velha concepção do direito como entidade metaphysica, *sub specie æterni*, anterior e superior aos primeiros agrupamentos humanos, quando a verdade é que elle não vem de tão longe, affirma que o Direito é, perante a consciencia moderna um *modus vivendi*, ou a pacificação do antagonismo das forças sociaes, da mesma forma que, diante do telescopio, os systemas planetarios são tractados de paz entre as estrellas.

Nesse ponto referindo-se á «concisa e bella carta» em que o professor Holtzendorff, respondendo á congregação da Faculdade do Recife, fallara n'alguma cousa existente no espirito do seu amigo Bluntschili que podia ser desig-

nada pelo nome de *Cosmos* do Direito e da moral, Tobias acrescentou esse ousado trecho que poz em desespero as ovelhas de Leão XIII no Brazil.

« Magnifica expressão! disse elle! Ha realmente um Cosmos do Direito, mas esse Cosmos, não menos do que os Cosmos physico, é um producto da lei do *fieri*, da lei do desenvolvimento continuo, e assim como no mundo material é presumivel que exista apenas uma pequena parte em que a materia já chegou ao seu estado de equilibrio, assim tambem no Cosmos do direito só ha uma parte diminuta, em que as forças se acham equilibradas e não tem mais necessidade de lutar».

Em seguida, alludindo ao facto de Renan ter dicto uma vez que, pelos vicios do ensino superior, a França corria o perigo de se tornar *um povo de redactores*, quasi ao mesmo tempo em que Marh Pattison, chefe do partido reformista de Oxford, lastimava que as universidades inglezas parecessem só querer produzir *escriptores de artigos de fundo*, concluiu sizudamente, que, se nós não corremos o risco de uma ou de outra cousa, estamos sujeitos a infelicidade maior:—a de tornarmos-nos um povo de *advogados e chicanistas* ou simples *fazedores de petição*.

O discurso encantador e primoroso, na forma e nos conceitos, está proximo do seu fim, mas o orador não ha de rematal-o de modo que destõe do conjuncto.

E' então que elle se refere ao *passus* historico, occorrido no anno da graça de 1559, ao tempo em que se sentava na cadeia de S. Pedro o genial Paulo IV, *tuto ner-*

vo com poca carne, segundo um chronista da epoca.

N'uma esplendida ceia em casa de Andréa Lafranchi, em que tomaram parte as maiores notabilidades romanas, o cardeal Carlo Caraffa, sobrinho do pontifice, vestido a secular e cingindo uma espada, travou ali mesmo uma lucta sangrenta com o fidalgo Marcello Capece, por motivos de ciume provocado pela formosa madonna Martuccia.

Cinco dias depois d'esse escandalo, o pontifice appareceu ainda mais temivel que de costume, na sessão da Inquisição e, profligando os abusos da egreja, em tempestuoso discurso, sem que uma só vez pronunciasse o nome do seu sobrinho concluiu, bradando com emphase perante a assembléa silenciosa:—

Reforma! reforma! ao que o Cardeal Pacheco respondeu afouta e allusivamente: « Reforma, sim, Santo Padre; mas a reforma deve começar por nós mesmos. »

E aproveitando o episodio historico Tobias termina no tom independente e faceto em que foi afinado o seu estylo desde o exordio:

« E' assim, Senhores Doutores:

« E' assim que, quando ouço repetir, como se repete á cada instante que o ensino academico está de todo transviado, porque de todo tambem está perdida a faculdade de estudar, e que, portanto, é urgente, é urgentissima uma reforma radical,—eu me lembro do Cardeal Pacheco e tenho vontade de responder com elle: reforma, sim, Santo Padre! mas nós somos os primeiros a tractar de reformar-nos; somos os primeiros que devemos munir-nos de abnegação e de coragem, tanto quanto havemos mister de

coragem e abnegação, para despirmos-nos das nossas becas, mofadas de theorias caducas, e tomarmos traje novo. Releva dizer á sciencia velha:— retire-se; —e á sciencia nova: — *entre moça*.

« Darwinista ou hœckeliana, pouco nos importa, o que queremos é a verdade.

As Faculdades não são somente estabelecimentos de instrucção, mas, ainda como diz Henrique Von Sybel, verdadeiros laboratorios, officinas de sciencia.

E' preciso tambem pensar por nossa conta. Eis tudo. »

Os seus surtos de eloquencia são todos assim—um consorcio da erudição com o humorismo da graciosidade mais fluctuante, com o saber mais profundo.

★

★★

O seu discurso na *verificação de poderes* dos deputados á Assembléa provincial pernambucana em 1878 pode fornecer-nos outro exemplo, mesmo por ser de feição inteiramente diversa do que esse que acaba de ser citado.

Os deputados liberaes eleitos em unanimidade encontraram ás portas da Assembléa uma patrulha de conservadores impedindo-lhes a passagem e contestando-lhes os direitos.

Tendo conseguido diplomas da camara suspensa pelo presidente, apresentaram-se com ares de seriedade para a representação de uma scena comica.

Tobias só se resolveu a fazer uso da pa-

lavra, quando o contra-regra ia dar o signal para que o panno descesse ou quando se poderia dizer num longo bocejo:—*Está acabada a comedia.*

Começou affirmando que em frente daquelle desperdicio do tempo, o povo semelhante ao *Candido*, de Voltaire, poderia intervir dizendo:—*« Nada entendo das vossas recriminações, nem das vossas discussões estereis; sinto fome e necessito de remedio aos males de que padeco. »*

Pareceria, por esse panno de amostra, que o discurso houvesse de ser uma catilinaria. Pois bem, alludindo a um dos deputados conservadores que occupou o tempo de tres sessões seguidas á fazer a defesa do seu diploma, Tobias lançou mão do *humour* para inutilisar esse moinho de palavras.

Depois de citar os seguintes versos de Leopardi.....,

Il cuor de tutti—Cose alfin sente saziatèi, del somno, Della danza, del canto, e del l' amore, Piacer piu cari. che il parlar lingua, Ma saziatá de lingua il cuor non sente; depois de ter affirmado que a Assembléa esquecera os tropos do pretendente a deputado para só admirar a sua habilidade, a sua copia de linguagem, e a resistencia dos seus orgãos vocaes; concluiu que, se o esplendido orador tivesse fallado um pouco sobre eleição nada teria faltado ao seu discurso, o que lhe trouxera á lembrança umas chistosas palavras de Luiz XVI, de quem se conta que, depois de ouvir pregar na capella real o abbade Maury, se voltou para um da comitiva regia e lhe disse:

« *Si l'abbé nous avait parlé un peu de religion, il nous aurait parlé de tout.* »

E em seguida á considerações valiosas, afirma que estaria prompto a abandonar o seu posto, caso ficasse evidenciada a irregularidade da sua eleição, porquanto no character de um espirito barbaro, que não tem desenvolvida a *faculdade de agradar*, não comprehendia uma só palavra se quer desses combates inglorios. E accrescentou com ironia: « Na grande lucta pelo direito, uma das formas da lucta pela verdade, que ainda é, por sua vez, uma das formas da immensa lucta pela existencia, eu não vejo que esteja comprehendida a lucta por um diploma... !! »

★
★★

Na Assembléa Pronvincial teve largo debate o requerimento da jovem D. Felisbella Agueda de Oliveira pedindo uma subvenção pelos cofres do Thezouro para estudar medicina nos Estados Unidos.

Esse requerimento, defendido pelo Sr. Barão de Nazareth com grande abundancia de coração, algum talento e curtas letras, foi impugnado com esforço e brilho pelo Dr. Malaquias Gonçalves, cirurgião de grande nomeada e intelligencia ampla.

O digno preopinante procurou sustentar em dois discursos que a organização da mulher se destina a fins differentes daquelles a que se destina o homem, mesmo porque o seu papel na reproducção é perenne e constante, ao passo

que o papel do homem é passageiro. E depois de ter indicado essa diferença, segundo o seu ponto de vista, abordou propriamente a questão de physiologia cerebral procurando demonstrar que o cerebro da mulher, tal como é constituido e conformado, revela uma inferioridade organica, ou melhor, que os estudos comparativos de varios cerebros de representantes de um e outro sexo, deram em resultado que os do homem são mais pesados, mais volumosos, com as circumvoluções em maior numero e as anfractuosidades mais profundas, tendo a camada cinzenta que reveste o encephalo, desdobrada em superficie muito mais extensa.

E, feitas varias considerações, accrescentou:—

« Quando a doutrina do transformismo não estivesse provada, estava provado que no cerebro residem positivamente as funcções da intelligencia e do pensamento e que estas funcções estão tanto mais desenvolvidas quanto o orgão que dellas se encarrega que é o cerebro e em particular a massa parda, por isso que a massa branca é apenas a conductora das sensações, serve apenas para a transmissão. A' vista destas considerações que acabo de expôr, parece-me ter provado que a intelligencia se acha em relação immediata com o cerebro e em particular com a massa parda da mesmo orgão ; e assim sendo tenho provado tambem que a mulher se acha em condições inferiores ao homem. »

Continuando, porem, delimitou o seu modo de ver no ponto de vista dessa inferioridade, dizendo que se é certo poder a mulher propor-se a estudos determinados, não é menos certo ver-se inhibida de se dedicar aos altos

conhecimentos em que ha necessidade de abstrahir; que se muitas vezes é certo encontrar-se na mulher comprehensão mais facil do que no homem, não resta duvida tambem quanto a sua fraquesa no processo psychico da abstracção, que é precisamente o necessario para os altos estudos.

Em conclusão: deseja ver a mulher sufficientemente educada para o seu papel no lar, criando e dirigindo os filhos, embora no periodo aureo do sonho, ou na phase metaphyca do seu espirito ella tivesse pertencido ao numero dos partidarios da emancipação, confessando em vista de um aparte, que acreditava ter chegado, no tocante ao assumpto, ao periodo positivo.

Tobias, que não era um frequentador da Assembléa, nem tinha caleite para entrar diariamente nas questões estereis, só chegou a saber do facto pelos jornaes.

Em vez de aproveitar o pretexto para fugir á responsabilidade de um torneio com um profissional, apresentou-se em campo «com a sua parte de interesse e dedicação convicta.»

N'um dos turnos do projecto subiu á tribuna e, inspirado no bom genio do reconhecimento e do culto rendido as excellencias do bello sexo, abalou até os alicerces o edificio que o Dr. Malaquias construiu com aptidão e zelo, expondo argumentos e considerações novas, apesar do receio de ter de repetir «alguma cantiga já conhecida, e fazer dest'arte uma segunda ou terceira dynaminisação do que outros já tivessem dito.»

Assim, depois de apoiar com erudição e *verve* o projecto em debate—reconhecendo ao

principiar que o thema pertence a um genero de assumptos sobre os quaes é mais facil escrever um livro do que proferir um discurso; depois de se ter batido no chamado campo scientifico onde, aliás é certo, disse elle, que a opinião defendida pelo seu oppoente já de ha muito se retirara do combate, envergonhada de si mesma, theoria decrepita, sem razão de ser, pretendida *physiologica*,—da mulher condemnada por natureza á incapacidade e ao atrazo mental; depois de ter dito que essa theoria deve ser enterrada na mesma fossa em que dorme o pobre dogma do peccado original—o dogma da queda de Adão por culpa de Eva, e o terrivel veredictum :—*sub viri potestate eris et ipse dominabitur tui*; depois de ter sustentado que pretender pela força unica do adverbio physiologicamente demonstrar a inferioridade da mulher por uma especie de *buena dicha* que lê na sua massa cerebral o seu predestino, á maneira das bohemias feiticeiras lendo na palma da mão dos seus clientes a sorte boa ou má, seria fazer da physiologia uma especie de cigana; disse com inteira franqueza, que o Dr. Malaquias ou se achava sufficientemente informado sobre as phases que a questão tem atravessado ou não.

No caso affirmativo não poderia ter desculpas de haver guardado segredo ou feito omissão consciente dos progressos relativos ao assumpto; no caso negativo ainda era menos desculpavel, pois deveria ter sido do seu dever inteirar-se primeiro do verdadeiro estado do assumpto para não expor-se á defesa de uma opinião que era mal segura e não reunia em

seu favor argumentos e factos resultantes de experiencias e theorias novas.

E, em seguida, por esse modo se pronuncia : « A questão que aqui hoje nos occupa, a questão de saber se a mulher pôde estudar e exercer a medicina, já não é uma tal, já não tem character problematico para o alto mundo scientifico. »

« Pôde-se até fazer-lhe a historia e enumerar os seus *momentos* diversos.

« Foi em Dezembro do anno de 1867, que na Europa se deu o primeiro impulso para um dos maiores movimentos dos tempos modernos, sendo conferido á uma mulher, em acto solemne o grão de *doutora* em medicina por uma universidade celebre, a universidade de Zurich. Essa mulher é uma russa, e seu nome : —Nadeschda Suslowa.—

Foi esta, sim a primeira vez que se resolveu alli praticamente, e de modo satisfactorio, o problema inquietante dos estudos universitarios da mulher, em commum com estudantes do sexo masculino. Até então não se tinha suscitado duvida seria sobre a competencia, ou incompetencia della, para as funcções especiaes de medico.

Este facto que na occasião tomou as proporções de um acontecimento, não deixou de ter sua influencia.

« O exemplo de Nadeschda Suslowa atrahio á Zurich outras aspirantes ; e tres annos depois, á 12 de Março de 1870, recebia igualmente o grão doctoral a segunda medica daquella universidade, uma moça ingleza.

« Elisabeth Morgan, sobre cujo character e talento se exprimiram de modo o mais hon-

roso, na occasião do gráo, diversos professores da escola.

« Tal foi a impressão do acto e do brilhante papel da moça medica, que não resistiram ao desejo de manifestar a sua admiração. Ao decano da faculdade, o professor Bierme, coube arguil-a á respeito da dissertação que tratava do seguinte ponto:—*Sobre a atrophia progressiva dos musculos.*

« Creio que é um ponto scientifico e de alguma importancia. *Creio*, digo eu, porque nestas materias sou um simples devoto, um simples crente; posto que,—é verdade,—quando menino, na minha terra, ouvisse muitas vezes alguns devotos discutirem theologia com o vigario.

« A moça doutoranda respondeu á todas as objecções de um modo tão vantajoso, que o professor não pôde conter o seu entusiasmo, dirigindo-lhe entre outras, as seguintes palavras :

« Vós tendes mademoiselle, uma bôa parte na solução do grande problema social que aqui nos occupa. Pelo vosso serio scientifico vos tornastes um môdelo para as mulheres que aqui estudam, e eu não duvido um só instante que, em vosso proprio interesse e para bem de muitas outras, de applicar dignamente os conhecimentos entre nós adquiridos. »

Do meio dos moços estudantes, pois que naquella universidade tem elles o direito, que oxalá existisse tambem nas nossas faculdades, de arguirem os doutorados, ergueram-se então duas vózes á atacar duas das theses, não sei se por um acto de grosseria, ou de simples galanteio, e á ambos os oppoentes, diz o autor,

á quem devo estas informações, a candidata respondeu tranquilla e satisfactoriamente.

Terminado o acto da promoção de Miss Morgan á doutora de medicina, cirurgia e obstetricia, um outro professor universatorio, na allocução que proferiu, disse-lhe ainda...

« Acabais de dar-nos uma nova garantia do bom exito da experiencia, que fazemos em Zurich, para a solução da questão social, que hoje mais que qualquer outra preoccupa o mundo : a questão da mulher. »

Isto dava se em Março de 1870. Em Outubro de 1871 e no acto de doutoramento de uma outra medica da mesma universidade, o anatomista, professor Hermann Meyer dizia tambem a jovem aspirante :

« Mostrastes pelo vosso exemplo que é possivel á mulher dedicar-se com todo o sério á vocação medical, sem por isso renegar o character feminino. »

Como se vê, o factó estava assentado, e ninguem ousava contestal-o.

Eis que, porem, nesse mesmo anno de 71, levantou-se uma voz, uma unica voz autorisada para protestar contra elle, e tentar ainda convencer o publico da incapacidade feminina para os mistêres medicos. Essa voz foi a do Dr. Frederico Bischoff, professor de physiologia na universidade de Munich, o qual escreveu uma obra especialmente destinada ao assumpto, que tem por titulo—*Do estudo e do exercicio da medicina pelas mulheres.*

Apparecendo este livro, no qual, depois de apresentar todos os argumentos e considerações theoricas em apoio de sua opinião, Bischoff teve a franqueza de declarar que nunca

tinha ensinado á mulher alguma, nem jámais admittil-as-hia entre os seus discipulos, foi como que uma provocação aos professores de Zurich, e a refutação não se fez muito esperar.

Os Drs. Victor Bomert e Hermann, não aquelle de que já fallei, mas um outro, lente de physiologia, sahiram ao encontro de Bischoff o primeiro no escripto:

O estudo das mulheres, segundo as experiencias da universidade, e o segundo em outro escripto:—*O estudo das mulheres e os interesses da escola superior de Zurich*. Dous pequenos livros, em que as idéas preconcebidas de Bischoff são de todo combatidas, e mostram claramente o anachronico da sua obra, o fraco da sua argumentação, que ainda se basêa em grande parte, na ordem providencial do destino da mulher e sobretudo a singularidade de fallar *á priori* de uma cousa, sobre que não tinha conhecimentos praticos.

Não ficou ahi. Alguns outros professores ainda acharam occasião de dar o seu parecer sobre o ponto questionado; e homens como Frey, lente de anatomia e histologia comparada e o já mencionado Biermer, décano da faculdade e lente de clinica, se expressaram de maneira a não deixar a minima duvida:

De accordo com as minhas experiencias, diz Frey, que todas se fundam na instrucção pratica, sou forçado á reconhecer em um grande numero de cabeças femininas uma alta capacidade para o estudo das disciplinas anatomicas e até para os pontos mais difficeis da anatomia superior. . . Exactamente na microscopia, parte importantissima da medicina moderna, a mulher tem um futuro. « E Biermer exprime-se assim:

— « Na clinica, muitas mulheres se tem distinguido e assinalado por uma cuidadosa indagação e uma excellente diagnóse. »

Já isto seria bastante, quando mesmo fosse tudo. Mas não é tudo.

Saiba mais o nobre deputado, meu illustre e respeitavel antagonista na questão debatida, que quasi por esse mesmo tempo, em que taes cousas se davam na Suissa, admittira-se na universidade de Edinburgo o ensino das mulheres.

Sucedeu, porém, que os estudantes inglezes, impellidos não sei porque motivo, entenderam dever fazer barreira á tendencia dominante, e reunindo-se para isso, peticionaram á faculdade, e esta resolveu por 6 votos contra 4 a exclusão das discipulas.

Contra uma tal exclusão protestou o lente de anatomia, Dr. Handyside, e o seu protesto é tanto mais digno de consideração, quanto é certo que foi feito, sem intenção possivel de lisongear o bello sexo, em uma carta particular, dirigida ao Dr. Bomert, em que elle declarou que os estudantes tinham feito aquelle movimento levados de pretextos frivolos (*ou very frivolous pretenses*). E terminou a carta (o nobre deputado tome nota das expressões do seu collega) dizendo :—

« E' *ridiculo*, em nossa profissão, querer-se ainda lutar contra a corrente, pois as mulheres são sem duvida admiravelmente conformadas para brilhar (*to excel*) em anatomia cirurgica, obstetricia, cirurgica, pharmacia e muitos outros departamentos da profissão medica. »

Eu creio, Sr. Presidente, que em presença de tantos e taes factos, confirmados pelo testemunho de homens competentes, não é possivel

insistir no modo de ver contrario. Onde existe a cultura, existe de parceria com ella a docilidade. »

Proseguindo, entrou a fallar na questão physiologica do cerebro e do respectivo peso deste, nos termos que se seguem.

« A physiologia, que até hoje, como diz pessoa competente, não se tem occupado nem com as funcções do desenvolvimento, nem com o desenvolvimento das funcções, bem poucas *leis* apresenta, que não possam soffrer contestação; e nesse numero não se contam as que dizem respeito ao cerebro.

« Basta-me o seguinte facto:—Nós temos conhecimento do peso cerebral de alguns grandes homens.

« Perguntarei pois ao nobre deputado ou á outro qualquer que siga a mesma theoria, como póde explicar este phenomeno:—o cerebro de Byron, por exemplo, pesou 2238 grammas, e o de Dupuytren 1436, um peso tal, que offerece para com o primeiro uma differença de 802 grammas, uma libra e tres quartas, pouco mais ou menos. Ora, á uma differença tamanha no peso do cerebro deveria corresponder uma notavel differença intellectual entre os dous espiritos.

Mas por ventura Byron, como poeta, foi maior do que Dupuytren, como cirurgião?...

Admittido pois, que a massa cerebral tivesse a significação, que se lhe quer dar, se ao peso de 2238 grammas corresponde um genio poetico da estatura de Byron ao peso de 1436 não poderia corresponder um genio cirurgico do quilate de Dupuytren.

Mas isto não diz tudo; a questão tem ainda uma outra face.

Na pergunta que vou fazer, está a morte da theoria, que vai mata-la:—qual é o peso normal do cerebro humano?

(Pausa.)—O *Sr. Malaquias*—Ha uma media.—O sr. Tobias—Uma media não é peso normal.

Peço ao nobre deputado que me dê um peso certo e determinado.

Quantos cerebros já foram encontrados com peso igual uns aos outros? Não se conhece.

Sempre offerecem differenças, e estas differenças estão dizendo que não ha *normalidade*, não ha uma lei fixa a respeito.

Alem disto, ainda temos á considerar o seguinte—a theoria do peso do cerebro, como medida intellectual, é anachronica e insustentavel, não só pelas razões, que acabo de expender, como tambem por um outro motivo, que peço ao nobre deputado se digne de apreciar. Nós sabemos da grande importancia, do grande desenvolvimento, que tem tido a doutrina da selecção natural de Darwin, sobretudo reformada e engrandecida, em mais de um ponto, por Ernesto Hœckel. Pois bem:—entre as leis da *conformação ou adaptação indirecta*, de que falla Hœckel, está em primeiro lugar aquella que elle chama da *adaptação individual*, e segundo a qual os individuos de uma mesma especie nunca são totalmente iguaes.

Ora, pergunto eu;—a differenciação cerebral não é mesmo um effeito desta lei?

O peso do cerebro não se explica tambem por essa *adaptação individual* pela qual nunca

se encontrarão dous individuos com igualdade de massa cerebral?

E sendo assim, como querer-se, comparando a mulher com o homem, deduzir-se de pequenas differenças no órgão do pensamento uma enorme distancia entre um e outro na capacidade intellectual? !...

E' inadmissivel. »

Em seguida reconhecendo na questão tres aspectos distinctos—o *politico*, o *civil* e o *social*—declara quanto ao primeiro ponto, que é relativista por attender muito ás condições de tempo e de lugar.

Quanto ao segundo aspecto ou ponto de vista civil não tem duvida que se faz necessario libertar a mulher do jugo de velhos preconceitos, do poder absoluto do homem.

Na hypothese, o lado mais interessante é o social, que comprehende a emancipação litteraria e scientifica da mulher, consistente em abrir ao seu espirito os mesmos caminhos que se abrem ao homem.

Assim explicando o assumpto faz a synthese evolutiva da vida social da mulher desde a *primeira epistola de S. Paulo* á Thimotheo em que se vêm os termos seguintes:—*Mulier in silencio discat cum omne subjectione... Docere autem mulieri non permitto neque dominari in virum; sed esse in silentio.*

Certo, accrescentou, é que a doutrina de S. Paulo ou do catholicismo alastrara-se pelo occidente, influindo na Jurisprudencia italiana da Idade Media e na allemã dos seculos 15, 16 e 17, o que levou o medico legista daquelle tempo, Paulo Zachias a dizer textualmente—*Das*

Weib ist gebozen um zic gebarem,—a mulher nasceu para ter filhos.

Dahi, o orador poude concluir que o seu illustre adversario no debate, sendo um *espírito emancipado*, tinha cedido ás opiniões de S. Paulo, ás doutrinas da Igreja.

Referindo-se as grandes mulheres da Historia, não superadas pelos maiores homens, disse:—Assim vemos apresentarem-se na Grecia, alem de Sapho, Myrtis e Corinna, tambem poetizas, á quem cabe a gloria de terem sido mestras do maior lyrico daquella nação—mestras de Pindaro.

E não somente a poesia, a philosophia teve igualmente suas dignas representantes. Dest'arte nomeia-se como primeira philosopha Cleobulina, filha de Cleobulo, que floresceu na época dos *sete sabios*. Pythagoras contou, entre os seus discipulos, grande numero de mulheres. Diz-se mesmo que elle aprendeu a philosophia com sua irmã Themistocléa, e que a sua mais applicada discipula foi Theano, sua mulher.

Nomeia-se ainda Thargelia, de Mileto, mestra de Aspasia, a mulher de Pericles, a mestra de Socrates...

Nos tempos posteriores e saltando por sobre a idade media, onde a mulher desaparece de todo pelo voto religioso, pelo isolamento da vida claustral, posto que, mesmo assim, mais de uma, nessa época, se possa mostrar bem digna de louvor e admiração—sabemos, por exemplo, de uma Nina Siciliana, de uma Olympia Morata.

A tradição falla de Helena Calderini, filha de Giovanni Andrea Caldereni, professor de di-

reito canonico na universidade de Padua, a qual costumava substituir a seu pai, quasi sempre occupado em missões diplomaticas, e quando isto fazia, subindo á cadeira, era escondida por detraz de uma cortina, para não distrahir, com a sua belleza, a attenção dos seus ouvintes! E' factó historico incontestado que ainda no seculo passado quatro mulheres preencheram cadeiras magistraes na universidade de Bolonha.

Foram ellas: Laura Bassi, professora de philosophia; Anna Morandi Manzolini, professora de anatomia; Gaetana Agnesi, professora de Geometria, e Clotilde Tambroni, professora de grego. Não são factos convincentes da capacidade feminina?...

Nos ultimos tempos vemos em França, alem da celebre Stael, a não menos celebre Sand, uma Delphine Gay, uma Luise Collet, Marie Deraisme, Julie Danbié; vemos na Allemanha Fanny Lewald, Elisa Schmidt, Hahn-Hahn, Belby Paoli, Durisgsfeld, Jenny Hirsch e tantas outras; na Inglaterra uma Martineau, uma Somerville; na Italia uma Ferrucci, uma Alaide Beccari, mulher admiravel que padecendo de uma paralyisia e só podendo escrever com a mão esquerda, é todavia a redactora constante de um jornal publicado em Veneza e consagrado á defeza dos direitos do bello sexo, sob o titulo *La Donna*.

Onde está pois, Sr. Presidente, o fundamento das pretenções em contrario?

Como teimar-se em opinar que a mulher é por natureza, destituida de força sufficiente para uma seria cultura intellectual? »

E, tendo feito outras considerações, addicionou:

« Na questão que nos occupa e que já está praticamente resolvida, as mulheres fizeram justamente, como Diogenes, o philosopho grego, para quem o melhor modo de responder ao sophista, que negava o movimento, foi *ca-minhar*, foi *mover-se*. Assim procederam ellas. A aquelles que lhes negavam capacidade para os estudos superiores maxime para os estudos de medicina, ellas disseram :—*aqui estamos ; eis-nos ao vosso lado praticando com vantagem a sciencia medica.* »

Cita exemplos das irmãs Blachnell nos Estados Unidos, duas medicas famosas que chegaram a ter um rendimento annual de quinze a vinte mil dollars ; refere-se á Clemence Eozier, tambem celebre na America do Norte por uma vida de trabalho e dedicação á causa da sciencia ; á Miss Garret, na Europa, entre outras notabilidades do sexo, e, depois de varias considerações, termina deste modo : « Todo homem tem a sua mania ; e é infeliz aquelle que não a tem ; a minha mania, senhores, é pensar que grande parte, se não a maior parte dos nossos males vem exactamente da falta de cultura intellectual do sexo feminino. »

Qualquer que seja o modo de ver do leitor no assumpto, não poderá recusar o seu applauso á maneira elevada, do ponto de vista da cortezia e da intelligencia, porque a questão foi discutida.

Quanto a mim, alem do sopro de juvenildade dado ao assumpto pelo orador, julgo esse admiravel surto de eloquencia mais uma prova de que no cerebro de Tobias Barretto fôra bem desenvolvida a terceira circumvolução frontal que é a sede organica da palavra e se

conveio em chamar, por honra do seu descobridor, *circumvolução de Broca*.

*
**

Segundo está hoje reconhecido pela sciencia, a faculdade da palavra constitue uma função das mais complexas, sob sua simples manifestação objectiva e exterior.

Compõe-se de duas partes essenciaes:— uma propriamente intellectual ou *psychica* e outra *mecanica*; sendo que no primeiro caso se acham comprehendidas a ideação e a memoria, no segundo a articulação vocal dos tempos, a expressão fallada, a palavra.

Em outros termos, o processo physiologico da palavra, em sua simples manifestação objectiva, exterior, compõe-se: 1.º Da formação das ideias ou desdobramento primitivo e superior da ideação; 2.º Da expressão dessas ideias que pôde manifestar-se por meio da linguagem interior, ou por meio da *linguagem articulada* e *a mimica*. 3.º Emfim, da memoria, que é o seu instrumento fundamental no exercicio da ideação e no jogo dos vocabulos.

Por ahi se vê que a memoria não sendo uma faculdade intellectual propriamente dita, é um instrumento indispensavel ao exercicio dessas faculdades.

Assim, a memoria, de que as fontes essenciaes são os sentidos, tem, sob esse ponto de vista, diversas modalidades de que as principais são a *visual* e a *auditiva*.

Desses elementos de primeira ordem no

exercício da palavra os grandes oradores não podem ser privados.

Gambetta os tinha em profusão e os revelou desde o Lyceu de Cahors, recitando de memoria paginas inteiras de oradores gregos, a ponto de um seu biographo poder assegurar depois : «As sonoridades do *Agora* pareciam repercutir-se nelle. Eu o ouvi declamar com um accento de vibração extraordinaria as *Clynthias* de Demosthenes, que elle chamava a *obra prima da palavra humana*. »

Tobias Barretto possuia em gráo elevado esse poderoso instrumento nos torneios da tribuna.

Os seus discursos eram illustrados com opiniões de procedencia diversa, citando a proposito, versos em italiano e francez, trechos de escriptores allemães, phrases dos classicos, conceitos de auctores inglezes, definições scientificas, termos technicos, aneddotas interessantes e variadas, com uma promptidão encantadora.

Da sua memoria *visual* ou representativa das imagens do pensamento, lembra-me o exemplo que é typico.

No dia em que elle teve de fazer a sua prelecção de concurso, a respeito do governo da Igreja, tirou do bolso, ao chegar á tribuna, um pequeno cartão de visita que trazia no verso algumas linhas hyeroglyphicas.

Principiou, com um leve tom ironico ; « Assim como Benvenuto Cellini gravou um castello feudal na pedra de seu annel, eu espero trazer gravado o meu discurso no verso deste cartão. »

E a prelecção foi palpitante, apesar do as-

sumpto, como uma estatua em que nas veias do marmore corresse o sangue quente da vida.

Narrou-me o Dr. Constancio Pontual, cathedratico de Medicina Publica em nossa Escola de Direito, que de uma vez se discutia em casa do Coronel Severiano de Siqueira sobre se a palavra *presago* era genuinamente verna-
cula.

La caloroso o debate, quando chega Tobias Barretto, que, então, se achava em pleno viço do espirito e da memoria prodigiosa.

—Dr. Tobias, pergunta-lhe um dos preo-
pinantes, o vocabulo *presago* é portuguez?

—Portuguez de Camões, responde prom-
ptamente o recémvindo, e em seguida pronun-
cia com emphase a seguinte estrophe dos *Lu-
ziadas*, como se a trouxesse de antemão para
o caso :

Ja o raio Appollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido
Quando o Gama co' os seus determinava
De vir por agua a terra apercebida ;
A gente nos bateis se concertava
Como se fosse o engano ja sabido
Mas pode suspeitar-se facilmente
Que o coração presago nunca mente.

Entre o orador francez e o brasileiro houve, porem, uma differença. E' que o primeiro deu toda expansão ás suas predisposições organicas para a tribuna e o segundo não pôde ou não quiz experimentar essa concentração de forças intellectuaes.

A variedade multipla das suas aptidões indicava-lhe outros elementos de combate, o que

não succedeu a Gambetta que foi apenas um orador formidavel estimulado por desmedida coragem civica.

E' que o grande tribuno republicano da França era um improvisador em toda a expansão do termo, e um apaixonado dos ruidos e lances da tribuna, ao passo que o sabio brasileiro não confiou bastante nos elementos de vida da oratoria, e, além disso, a riqueza das suas aptidões abriu-lhe outros horisontes, em que o crítico e o philosopho se sentiram, por ventura, mais á vontade.

Accresce que lhe faltou o theatro. Se elle tivesse fallado na Representação nacional, lubrificando a garganta com o copo d'agua da Carioca, então o seu renome não teria encontrado limites na bocca dos thuribularios.

PHAELANTE DA CAMARA.

